

J.B.
23/10/97
Foto: [illegible]

Comitê pede júri popular para caso de índio pataxó

LAURO RUTKOWSKI

BRASÍLIA – Representantes do Comitê Galdino Jesus dos Santos entregaram ontem ao presidente do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, desembargador Carlos Augusto Machado Faria, um abaixo-assinado com 22.506 assinaturas pedindo que os quatro rapazes maiores de idade que incendiaram o índio pataxó na capital, em abril passado, sejam levados a júri popular por homicídio triplamente qualificado.

O objetivo do abaixo-assinado é influenciar o julgamento da 2ª turma criminal do TJ sobre recurso que contesta a decisão da juíza Sandra de Santis Mello, de julgar os quatro rapazes por crime de lesões corporais seguido de morte em uma das oito varas criminais da Justiça do Distrito Federal. A pena máxima para o crime de lesões corporais seguida de morte chega a onze anos de reclusão, enquanto a punição por homicídio é de 30 anos.

“Queremos que a sociedade –

em júri popular – decida como punir estes jovens de forma exemplar, para evitar que estes crimes se repitam no futuro”, disse o presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara, Pedro Wilson (PT-GO), que entregou o abaixo-assinado em companhia do presidente do Conselho Indigenista Missionário da igreja católica, dom Aparecido José Dias. De acordo com o religioso, a punição deve ser exemplar. “Não se pode admitir impunidade sob o risco de novos fatos como aquele se repetirem”, disse.

O presidente do TJ prometeu levar informações sobre o abaixo-assinado ao conhecimento do relator do recurso contra a decisão da juíza Sandra, desembargador Joazil Gardes. O julgamento do recurso ainda não tem data para ser realizado.

O Crime – O índio Galdino estava dormindo num ponto de ônibus da Quadra 703 Sul, em Brasília, quando, por volta das 5h da manhã, foi atacado pelos cinco rapazes da classe média-alta da capi-

tal. Galdino havia participado de uma festa em comemoração do Dia do Índio. Por volta das 3h, decidiu voltar à pensão onde estava hospedado. Como era tarde, o índio não pôde entrar na pensão, e por isso decidiu dormir no ponto de ônibus.

Os cinco rapazes, que chegaram num Monza, jogaram líquido inflamável redutor, usado para remover tintas, e álcool do próprio carro, sobre o corpo de Galdino. Em seguida, atearam fogo.

Galdino teve 95% do corpo queimado – queimaduras de terceiro grau em 85% do corpo e de segundo grau em 10% – e foi internado em estado de coma no Hospital Regional da Asa Norte. O índio pataxó não resistiu aos ferimentos e morreu dias depois.

Os cinco rapazes foram presos três horas depois em suas casas e levados para a 1ª Delegacia de Polícia, onde confessaram o crime. “A gente não tinha intenção de matar”, disse Tomaz Oliveira de Almeida, que participou do crime, na delegacia.